



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Teatro, Música e Memória no *Teatrosamba do Caixote*

José Batista (Zebba) Dal Farra Martins

Maria Adelaide Pontes

Claudia Pacheco Simões

Para citar este artigo:

MARTINS, José Batista (Zebba) Dal Farra; PONTES, Maria Adelaide; SIMÕES, Claudia Pacheco. Teatro, Música e Memória no *Teatrosamba do Caixote*. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 55, ago. 2025.

 DOI: 10.5965/1414573102552025e0113

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Teatro, Música e Memória no *Teatrosamba do Caixote*¹José Batista (Zebba) Dal Farra Martins²
Maria Adelaide Pontes³
Claudia Pacheco Simões⁴

Resumo

Caixa mnemônica é um conceito utilizado por Aleida Assmann para se referir a um espaço portátil de memórias. Em seu complexo papel de fronteira entre cena e público, além de banqueta para músicos e atores, o caixote, impregnado de memórias, é também um *caixote mnemônico*, recipiente das vivências e processos do *Teatrosamba do Caixote*. Engenho de teatro na roda de samba, esta atividade concebida pelo *Grupo dos 7* compôs o *Projeto Cidade Dentro Cidade Fora*, implantado em espaços da Zona Norte de São Paulo, entre 2001 e 2004. O artigo vasculha os conteúdos deste caixote de memórias para traçar um itinerário expositivo do percurso do *Teatrosamba do Caixote* nesse período.

Palavras-chave: Teatro. Música. Memória. Arquivos teatrais. G7.

Theater, Music and Memory in the *Teatrosamba do Caixote*

Abstract

Mnemonic box is a concept used by Aleida Assmann to refer to a portable space of memories. In its complex role as a boundary between scene and audience, as well as a stool for musicians and actors, the box, imbued with memories, is also a *mnemonic box*, a container of the experiences and processes of the *Teatrosamba do Caixote*. A theatrical device within the samba circle, this activity conceived by the *Grupo dos 7* was part of the *City in City Out Project*, implemented in spaces in the North Zone of São Paulo between 2001 and 2004. This article explores the contents of this memory box to outline an expository itinerary of the *Teatrosamba do Caixote's* journey during that period.

Keywords: Theater. Music. Memory. Theatrical Archives. G7.

Teatro, Música y Memoria en el *Teatrosamba do Caixote*

Resumen

Caja mnemónica es un concepto utilizado por Aleida Assmann para referirse a un espacio portátil de memorias. En su complejo papel como frontera entre la escena y el público, además de banco para músicos y actores, el cajón, impregnado de recuerdos, es también una *caja mnemónica*, recipiente de las vivencias y procesos del *Teatrosamba do Caixote*. Ingenio teatral en la rueda de samba, esta actividad concebida por el *Grupo dos 7* formó parte del *Proyecto Ciudad Dentro Ciudad Fuera*, implementado en espacios de la Zona Norte de São Paulo entre 2001 y 2004. El artículo explora los contenidos de este cajón de memorias para trazar un itinerario expositivo del *Teatrosamba do Caixote* en ese período.

Palabras clave: Teatro. Música. Memoria. Archivos teatrales. Grupo dos 7.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Carolina Martins. Bacharelado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

² Livre-docência pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado pela Universitat de Barcelona (UB) – Espanha. Doutorado e Mestrado em Engenharia de Estruturas pela USP. Docente e pesquisador sênior na Graduação e Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador associado do *Projeto Arquivos Sonoros de Teatro*, financiado pela Fapesp. ✉ dalfarra@usp.br
📍 <https://lattes.cnpq.br/1202945496384216>  <https://orcid.org/0000-0002-1165-1293>

³ Doutorado em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Graduação em Educação Artística, com Habilitação em Artes Cênicas, e também em Artes Visuais pela UNESP. ✉ adelaidpontes8@gmail.com
📍 <http://lattes.cnpq.br/8116352321995616>  <https://orcid.org/0000-0003-3359-4856>

⁴ [Maria Simões] Cantora, atriz, figurinista e professora, sua principal formação se engendra a partir do contato profundo com a atriz e diretora Myrian Muniz. Compôs o núcleo artístico-pedagógico do *G7*, na implantação do *Projeto Cidade Dentro Cidade Fora*, no Teatro Alfredo Mesquita e no *estação7*. ✉ diasimoes@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0001-8665-6988>



Território. O Grupo dos 7 e o Projeto Cidade Dentro Cidade Fora

No segundo semestre de 2001, a Secretaria Municipal de Cultura, na gestão de Marta Suplicy, propôs o Edital *Cidadania em Cena*, como forma de financiamento para a ocupação dos teatros municipais de bairros da cidade. Compartilhando o espaço com a *Cia. Ocamorana*, o *Grupo dos 7 (G7)* venceu o edital para o Teatro Alfredo Mesquita, localizado na Praça Santos Dumont, com o *Projeto Cidade Dentro Cidade Fora*⁵. A proposta visou o estímulo a uma atitude crítica e historicizante, sobre as relações sociopolíticas no espaço urbano, baseada na intersecção cênica de três cidades: do passado, no contato com memória e história; do presente, ancorada no cotidiano; e do futuro, cidade de projetos, sonhos e utopias. Tratava-se de desvendar estas cidades na concretude das ruas, praças e avenidas, definidas através dos espaços de circulação de participantes de várias atividades gratuitas, enfeixadas nas *Oficinas de Teatro, Música e Memória*, nas quais estimulava-se o contato plural étnico, etário e social; na montagem *Almannaco Bananére*, visão poética delirantemente macarrônica da São Paulo do início do século XX e nas *Rodas do Samba do Mesquita*, logo transformadas em *Rodas do Samba do Caixote*. Segundo Celso Frateschi, Secretário Municipal de Cultura na época, a iniciativa consistia também em um ensaio para a implantação da Lei de Fomento ao Teatro, aprovada através de um intenso debate no âmbito do *Movimento Arte Contra a Barbárie*.

Contemplado em 2002 e 2003 pelo *Programa Municipal de Fomento Teatral para a Cidade de São Paulo*, em sua primeira e terceira edições, o *G7* criou um polo de reflexão, produção e difusão de teatro e música, situado na rua Alfredo Pujol, na Zona Norte da Capital: o *estação7*. A reforma de um galpão de uma antiga fábrica de sapatos deu origem a um espaço múltiplo que, através da confecção em madeira⁶ de duas arquibancadas e quatro bancos, possibilitava moldar qualquer configuração cênica, conforme os requisitos poéticos e estéticos

⁵ No Teatro Alfredo Mesquita, compunham o *G7*: a atriz e cantora Claudia Pacheco, a atriz Adelaide Pontes, os atores Divino Silva e Antonio Ginco, o iluminador Cacá D'Andretta e o músico, ator e encenador Zebba Dal Farra. No *estação7*, o grupo agregou os atores Wilson Justino e Ubirajara Veneziane.

⁶ A obra foi fruto da notável habilidade de um marceneiro da região, que transformou em móveis o jatobá dos pisos do mezanino já existente no espaço. Após o encerramento do *estação7*, em 2005, as arquibancadas foram doadas para o *Tendal da Lapa*, espaço da Secretaria Municipal de Cultura.



requeridos. O *estação*⁷ torna-se um centro de encontro de pessoas interessadas em desenvolver potenciais artísticos nas áreas do teatro e do samba, tendo como tema o mote *Cidade Dentro Cidade Fora*: passado, presente e futuro na cidade. Todas as iniciativas realizadas no âmbito do projeto – montagens, oficinas, fóruns e rodas de samba – gravitavam em torno da vocação cardinal do *G7* de transitar nos cruzamentos entre o teatro, a memória e a música, em especial o samba paulistano, e uma opção por um *teatro épico*, revelado na postura crítica do grupo e expresso nas formas do almanaque, da roda e da rapsódia. Amadurecidos nas vivências e experiências públicas na ocupação do Teatro Alfredo Mesquita, sete princípios sintetizavam a atuação do *G7*:

1. Prazer e diversão: o riso é fundamental.
 2. Memória e História: espaços políticos de especulação crítica.
 3. Música: ressonâncias, ritmos e sopros geram a polifonia cênica.
 4. Teatro Épico: dar voltas em torno do tema.
 5. Formas tradicionais: fricções contemporâneas.
 6. Adaptabilidade cênica: configurações plurais de palco e plateia.
 7. Aprendizes: essência do fenômeno teatral.
- (G7, 2003).

Este artigo se dedica a traçar um itinerário expositivo dos arquivos de texto, fotos e áudios de uma das atividades mais profícuas do *G7*, no período de ocupação do Teatro Alfredo Mesquita e do *estação*⁷: o *Teatrosamba do Caixote*.

Teatro é samba no teatrosamba

Prelúdio

Quinta-feira, 22 de novembro de 2001. Desaba na Zona Norte a primeira grande tempestade da temporada. O palco do Teatro Alfredo Mesquita inundado empurra a estreia da *Roda do Mesquita* para o saguão, ainda preservado da invasão das águas. Caixotes de feira, esquecidos na coxia, delimitam um círculo que instaura um novo palco: a disposição em arena permite plena escuta e visão de quem quer que se sente na roda e dela participe. Em volta desse palco, vozes, cavaquinho, surdo, violão e trombone. O *G7*. A chuva afastou o público, como se essa noite se destinasse a sacralizar o batizado de uma roda de samba

⁷ Nessa noite, participaram da roda Rodrigo Campos (cavaquinho), Pitti (surdo), Bocato (trombone) e o núcleo do *G7*: Claudia Pacheco, Adelaide Pontes, Divino Silva e Zebba Dal Farra.



contaminada de teatro ou de uma roda de teatro possuída de samba. Não havia roteiro. Só início e fim marcados pela evocação da memória, da tradição e do poder de cura do samba. Antes, na afinação, o trombone talvez puxasse uma gafeira, *Na Glória*, a lembrança assopra. Silêncio. Só o surdo na marcação. O cavaco dá o tom no ritmo do samba. Sobre esta base rítmica e harmônica, a atriz diz:

Um mestre do verso, de olhar destemido,
disse uma vez, com certa ironia:
"Se lágrima fosse de pedra
eu choraria"
Mas eu, Boca, como sempre perdido
Bêbado de sambas e tantos sonhos
Choro a lágrima comum,
Que todos choram
Embora não tenha, nessas horas,
Saudade do passado, remorso
Ou mágoas menores
Meu choro, Boca,
Dolente, por questão de estilo,
É chula quase raiada
Solo espontâneo e rude
De um samba nunca terminado
Um rio de murmúrios da memória
De meus olhos, e quando aflora
Serve, antes de tudo,
Para aliviar o peso das palavras
Que ninguém é de pedra

E a roda toda canta:

Bebadosamba, bebadosamba
Bebadosamba, bebadosamba
Meu bem
Bebadosamba, bebadosamba
Bebadosamba, bebadosamba
Bebadosamba, bebadachama
Também

Bebadosamba, composição de Paulinho da Viola, prescreve o samba como elixir para “oblívio de males e pausa nas aflições” (Hesíodo, 1995, p. 55), pelo chamado das canções que se queimam na chama do cantar. Dessa forma, fala do próprio samba, dos cancionistas irmãos de samba, das canções que brotam e correm pela memória, como “um rio de murmúrios”: o samba reflete o samba.

Chama que o samba semeia
A luz de sua chama
A paixão vertendo ondas



Velhos mantras de aruanda
Chama por Cartola, chama
Por Candeia...

Paulinho chama um panteão de gente do samba carioca. No final da canção, a roda constituída chama Pixinguinha e Gastão Viana, no lundu africano Yaô, única gravação em que se escuta a voz do saxofonista, feita em 1950: samba de iniciação, partido alto que marca a passagem do samba do terreiro para o samba urbano.

Aqui kó no terreiro pelu adié...
Faz inveja pra gente que não tem muié
No jacutá de preto véio
Há uma festa de Yaô
Tem nega de Ogum, de Oxalá, de Iemanjá
A mucama de Oxóssi é caçador
Ora vira Nanã Nanã Burokô
Yô yô
No terreiro de preto véio iaiá
Ora vamos saravá
A quem meu pai?
Xangô

Paulinho da Viola. Bebadosamba
Pixinguinha e Gastão Vianna. Yaô.⁸



Eis as senhas de entrada e saída do rito: doravante, toda roda de samba será aberta e fechada com estes dois chamados imbricados. Duas semanas depois da noite tempestuosa, permanecem os caixotes. Rodrigo sugere: *Samba do Caixote!*

Primeiro Movimento. O *Samba do Caixote* no Teatro Alfredo Mesquita [2001-2002]

Nada mais apropriado que o caixote no título. Numa das rodas seguintes, foi lido e cantado o texto *Nas quebradas do mundaréu*, em que Plínio Marcos narra histórias do samba de São Paulo, pela voz de três de seus maiores compositores: Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde e Tuniquinho Batuqueiro.

Eu conto histórias das quebradas do mundaréu. Lá de onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Falo da gente que sempre pega a pior. Que come da banda podre. Que mora na beira do rio e quase se

⁸ Arquivo sonoro. Acesso pelo código QR ou por este link. Elenco: Claudia Pacheco (voz), Rodrigo Campos (cavaquinho), Alexandre Ribeiro (clarinete), Léo Moreira (percussão), Divino Silva e Newton de Souza (coro), Zebba Dal Farra (violão e voz).



afoga toda vez que chove. Que só berra da geral sem nunca influir no resultado. Falo dessa gente que transita pelos estreitos, escamosos, esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. Falo desse povão, que apesar de tudo é generoso, apaixonado, alegre, esperançoso e crente numa existência melhor na paz de Oxalá! (Marcos, 1974, faixa 1).

[...] O Geraldão [Filme] é filho de Dona Augusta, conhecida na Barra Funda como Negra da Pensão. O Geraldão ia entregar as marmitas e logo ficou conhecido na Barra Funda como Negrinho das Marmitas. Mas bolinho de carne vinha sempre na primeira panela, por isso que ele engordou. Agora o que eu quero contar e pesa na balança é que ele entrava na alameda Glete pra entregar marmitta e ouvia samba. Chegava no Jardim da Luz, era só samba. Subia os Campos Elíseos, era só samba. Chegava no Largo da Banana. Pouca banana e muito samba. Ali a curriola se juntava pra descarregar caminhão. E enquanto não vinha o caminhão, armavam a roda do samba. Iam jogando tiririca (Marcos, 1974, faixa 1).

O samba de São Paulo nasce no Largo da Banana: lugar de roda de samba e jogo de tiririca, capoeira. Lugar de descarregar caminhão, de caixote de feira. O caixote como limite da roda de samba se coloca também na fronteira entre o trabalho e o ócio, impulsionando a vocação dialética do *Samba do Caixote* de promover crítica e diversão.

Nota-se o vínculo solidário entre arquivo, memória e poética teatral, presente na concepção do *Samba do Caixote*. Os roteiros mesclam contribuições pessoais, fisgadas de escutas de sambas, e pesquisa histórica. Nas quinze rodas realizadas na ocupação do Teatro Alfredo Mesquita, o G7 propôs um mapeamento de musicais brasileiros, além de roteiros especialmente compostos para o *Samba do Caixote*, construindo-se assim a teatralidade da roda.

Apresentam-se em seguida as sínteses de rodas do *Samba do Caixote*, encenadas no Teatro Alfredo Mesquita e extraídas do *Relatório Final* (G7, 2002).

1. Sambas de Sinhô. Textos de Manuel Bandeira (O enterro de Sinhô) e Vinícius de Moraes (Operário em construção), com destaque para a polêmica da autoria do Pelo Telephone. Sinhô é um dos mais antigos compositores brasileiros, da década de 20 do século passado, autor da conhecida Jura, jura, jura pelo Senhor... Nessa época, o pessoal se reunia para cantar e dançar na casa da Tia Ciata, no centro do Rio de Janeiro, reduto dos negros, jogados desempregados nos bairros da cidade, com a abolição da escravidão. Sinhô sempre aparecia por ali. O samba era um canto coletivo brasileiro. Falava tanto de amores e paixões quanto dos fatos que transformavam a cidade. Paulinho da Viola bebeu dessa fonte com delicadeza e inteligência. Geraldo Filme e Adoniran Barbosa, sambistas paulistanos, cantam os cantos da nossa cidade. O Trem das

Onze cruzava o norte da Zona Norte, jogando fumaça no ar, levando gente para saudosas malocas, que hoje são muitas mais. Estes sambas falam de nosso cotidiano, nossa cidade, nosso coração e nossa alma [06/12/2001 e 24/01/2002]⁹.

2. Nas quebradas do mundaréu, de Plínio Marcos, escrito em 1970. Mergulho na história do samba paulistano. Participação de José Maria, puxador dos mais belos sambas de Geraldo Filme para a Escola de Samba Peruche, na década de 70 [31/01 e 14/02/2002].
3. Sambas de Carnaval. Roda de samba em que o público fantasiado dança e participa. O roteiro amarra marchas de antigos carnavais, como Como vaes você, de Ari Barroso, sambas-enredo, como Aquarela Brasileira, de Silas de Oliveira, e poemas, como O homem e seu Carnaval, de Carlos Drummond de Andrade. Com a encenação de Brasil, de Oswald de Andrade, um grupo de aprendizes das Oficinas de Teatro, Música e Memória abre a noite. A cidade respira carnaval. As ruas, nestas noites, pressentem o fim da semana. Fora, aquém e além do rio Tietê, o samba come solto. Num pequeno pedaço da Zona Norte, Avenida Casa Verde, Ponte do Limão e Marquês de São Vicente, é surdo, tamborim, pandeiro, cavaquinho e violão, vozes suadas, pés no chão e cinturas afinadas. O samba se repete não sei quantas vezes, é gente, muita gente em contato direto, ao sabor da luz lunar. Encontros reais em época virtual. Na Mocidade Alegre, Peruche e Camisa Verde e Branco, o clima é febril e luminoso, como numa peça de teatro nas vésperas da estreia. O Samba do Caixote torna-se um caldeirão disposto a fundir histórias, sambas e esta atmosfera lúdica e pulsante [07/02/2002].
4. Arena Conta Zumbi, de Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo. Roda épica, baseada no musical de 1965, em que a saga de Zumbi dos Palmares metaforiza o golpe civil-militar-empresarial de 1964. A roda amplia a temática para escravidão e quilombos: o cantor Zé Maria participa e Rogério Batom também apresenta um samba [21/02 e 11/04/2002].
5. Adoniran abraça Bananére. Ponte macarrônica entre dois poetas de uma vocalidade das ruas paulistanas, marcas de duas épocas: o Bananére da década de 1910 com Adoniran Barbosa, da segunda metade do século XX [28/02/2002].
Eu conto histórias das quebradas do mundaréu. Lá de onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Falo da gente que sempre pega a pior. Que come da banda podre. Que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove. Que só berra da geral sem nunca influir no resultado. Falo dessa gente que transita pelos estreitos, escamosos, esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. Falo desse povão, que apesar de tudo é generoso, apaixonado, alegre, esperançoso e crente numa existência melhor na paz de Oxalá! (Marcos, 1974, faixa 1).

⁹ Datas das apresentações.



Alexandre Machado e Zebba Dal Farra.

*Almannacco Bananére. Figas num ganto.*¹⁰



Alexandre Machado e Zebba Dal Farra.

*Varredore de rua. Migna Terra.*¹¹

6. Tuniquinho Batuqueiro no Samba do Caixote. Numa noite especial, o compositor paulistano Tuniquinho Batuqueiro participa da roda, estruturada pelo texto de Plínio Marcos (Nas quebradas do mundaréu). Tuniquinho impõe outra dinâmica, contando e aprofundando histórias, cantando muito partido alto. Várias figuras do mundo do samba paulistano presentes: Carlão da Vila, Moisés, Júnior, Rogério Batom [14/03/2002].

Figura 1 - Tuniquinho Batuqueiro, à esquerda; Foto: Adelaide Pontes.¹²



7. Sambas de Elis. Este roteiro mesclou sambas imortalizados por Elis Regina, como O Bêbado e o Equilibrista, de João Bosco e Aldir Blanc, Canto de Ossanha, de Baden e Vinícius, Na batucada da vida, de Ary Barroso, com um poema da poetisa Cora Coralina. O Samba do Caixote,

¹⁰ Arquivo sonoro. Acesso pelo código QR ou por este link. Elenco: v. nota 8.

¹¹ Arquivo sonoro. Acesso pelo código QR ou por este link. Elenco: v. nota 8.

¹² Além de fotos, há cerca de quatrocentos arquivos em diversas mídias, a serem digitalizados: VHS, VHS-C, Mini DV e DVD.

roda de aprendizes do samba, se abre para Elis, voz da nossa Memória. Elis é samba, filha requintada de Elza Soares e Elizeth Cardoso [21/03 e 18/04/2002].

8. Rosa de Ouro, de Hermínio Bello de Carvalho. Aracy Côrtes, Clementina de Jesus e Os Quatro Crioulos - Elton Medeiros, Jair do Cavaquinho, Néelson Sargento, Nescarzinho do Salgueiro e Paulinho da Viola - apresentaram o espetáculo nos anos 60, no Teatro Jovem, na cidade Rio de Janeiro. Rosa de Ouro, ode ao samba carioca, respira os ares de grandes sambistas, como Ismael Silva, fundador da primeira Escola de Samba, o Deixa Falar. Quem viu Tuniquinho Batuqueiro e as Quebradas do Mundaréu no Samba do Caixote pode cantar e observar as semelhanças e deliciosas diferenças de duas tradições fortes do samba: a que vem do Rio, urbana, cheia de malandragem, e a que vem de São Paulo: “o samba de São Paulo vinha do interior, vinha dos terreiros do café. Era o samba batuque, o samba de trabalho, o samba de toco”, como ensina Plínio Marcos [28/03/2002].
9. Adoniran abraça Bananére. Ponte macarrônica entre dois poetas de uma vocalidade das ruas paulistanas, marcas de duas épocas: o Bananére da década de 1910 com Adoniran Barbosa, da segunda metade do século XX [28/02/2002].

Eu conto histórias das quebradas do mundaréu. Lá de onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Falo da gente que sempre pega a pior. Que come da banda podre. Que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove. Que só berra da geral sem nunca influir no resultado. Falo dessa gente que transita pelos estreitos, escamosos, esquisitos caminhos do roçado do bom Deus. Falo desse povão, que apesar de tudo é generoso, apaixonado, alegre, esperançoso e crente numa existência melhor na paz de Oxalá! (Marcos, 1974, faixa 1). Noel Rosa, o Poeta da Vila e seus amores. O texto de Plínio Marcos, escrito especialmente para o SESI, em 1977, teve seus principais trechos e sambas apresentados no Samba do Caixote. Novamente o samba carioca, agora por olhares paulistanos. Noel, nascido depois da passagem do Cometa de Haley, em abril de 1910, foi um cometa genial: quando morreu aos 26 anos, compusera quatrocentas músicas, das quais pelo menos trezentas ótimas e no mínimo vinte obras-primas. Cronista da cidade, polemista do samba, poeta lírico e cômico, Noel é compositor urbano, contrapondo-se ao samba coletivo da Casa da Tia Ciata, que, simbolicamente, morre com a hemoptise de Sinhô no Canal do Mangue, a bordo da Cantareira, em 1930. Plínio Marcos, nosso guia do Samba da Pauliceia, agora é o condutor do bonde Noel.

No âmbito do *Projeto Cidade Dentro Cidade Fora*, houve uma prospecção das raízes do samba de São Paulo, para o que contribuíram as presenças do compositor Tuniquinho Batuqueiro, dos sambistas Carlão da Vila e Zé Maria, do radialista comunitário Rogério Batom, de Júnior, pesquisador do samba de São Paulo, e de Moisés da Rocha, do Anhembi. Um público de 375 pessoas ocupou o palco do Teatro Alfredo Mesquita, posicionando-se em volta da roda central,



formada por instrumentistas do samba, atrizes e atores.

Interlúdio. A perspectiva não-acusmática como fundamento

De um ponto de vista etimológico, o termo “som” (Ψόφος) pode ser declinado, segundo a ocorrência, em três modos diversos: na língua arcaica, uma primeira declinação é ηχώ (eco), que evoca a reverberação dos sons em um espaço, enquanto uma segunda é Φωνή (voz), que por sua vez remete ao registro vocal, assinalando uma separação clara entre as qualidades sonoras da voz e o significado da palavra que ela veicula. Todavia, há uma terceira declinação, que aparece sob a denominação de ακουσμά (acusma) e que se refere a um som do qual percebemos a presença, sem, todavia, sermos capazes de indicar com precisão a proveniência (Pitozzi, 2017, p. 80-81)¹³.

A partir deste breve percurso etimológico de Enrico Pitozzi, podemos dizer que a relação entre fonte visual e fonte sonora engendra duas tipologias gerais. Se não existe coincidência entre as duas fontes, diremos que estamos em modo *acusmático*, no qual podemos distinguir, entretanto, duas situações: ou a fonte visual está totalmente oculta, isto é, não se vê de onde o som é produzido, ou há um deslocamento entre as fontes, uma separação entre elas. O incremento das tecnologias sonoras proporcionou a propagação contemporânea desta opção, pelo uso de microfones e a possibilidade de posicionar difusores acústicos nos mais diversos pontos do espaço teatral, amplificando-se vozes e sonoplastias. Os shows musicais há bem mais tempo praticam este deslocamento, que talvez não nos cause estranheza por nossa familiaridade com a presença de microfones na performance de cantores e cantoras. O Samba do Caixote e o *Teatrosamba do Caixote*, sua evolução no *estação7*, não utilizavam nenhum recurso eletrônico em suas rodas, ou seja, havia uma coincidência entre o lugar da fonte e o de sua sonoridade: vozes e sons instrumentais emanam de corpos e objetos visivelmente vibráteis. Por um lado, este fundamento exigiu um apuro da escuta e da dinâmica

¹³ Da un punto di vista etimologico il termine “suono” (Ψόφος) può essere declinato, secondo le occorrenze, in tre diversi modi: nella lingua arcaica, una prima declinazione è l'ηχώ (eco), che richiama una riverberazione dei suoni in uno spazio, mentre una seconda è la Φωνή (voce) che invece rimanda al registro vocale, segnando una separazione netta tra quelle che sono le qualità sonore della voce e il significato delle parole che essa veicola. Tuttavia c'è una terza declinazione, che va sotto il nome di ακουσμά (acusma) e che dice di un suono di cui avvertiamo la presenza, senza tuttavia essere in grado di indicarne con precisione la provenienza.



de execução instrumental, em relação recíproca com as vocalidades poéticas¹⁴. A ausência de amplificação também estreitava o convite para a participação do público na condição de concelebrante daquele rito, como mostra o fato cada vez mais frequente da finalização da roda, em que artistas e público cantavam e dançavam juntos as canções de fechamento. Por outro lado, este modo não-acusmático desfavoreceu a gravação em áudio das rodas, de modo que sua sonoridade só pode ser aferida por registros audiovisuais, em que a captação foi feita de forma geral e de um pequeno número de pontos de escuta¹⁵.

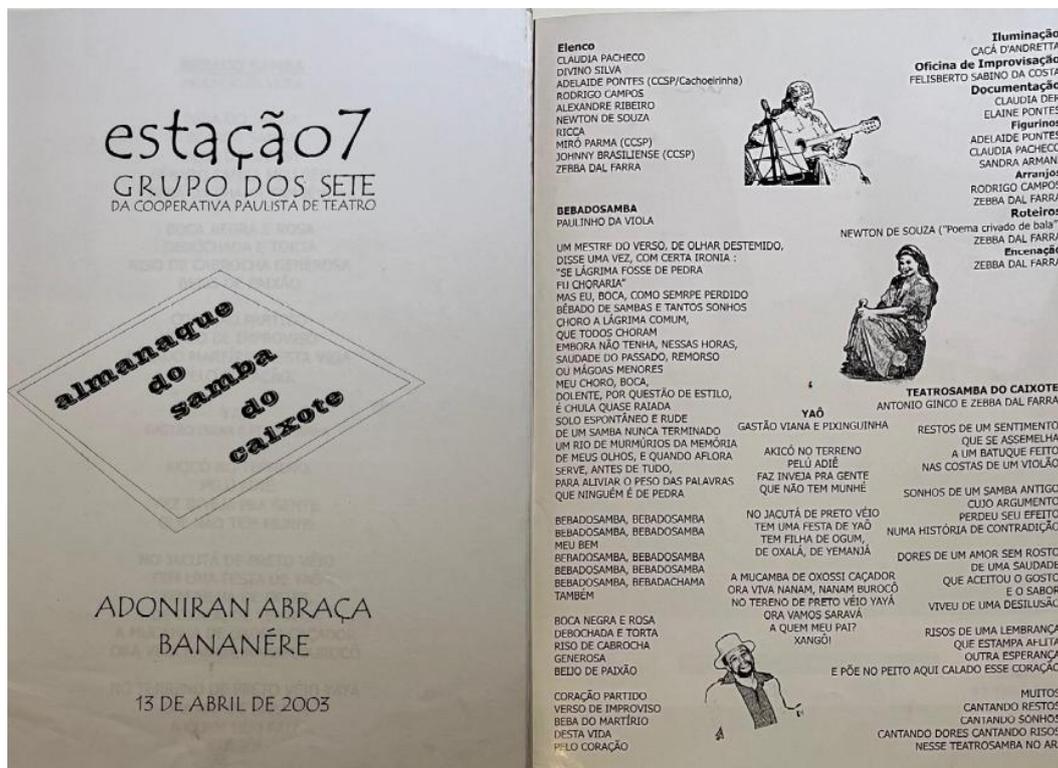
Segundo Movimento. O *Teatrosamba do Caixote* no estação7 [2003-2004]

A passagem de *Samba do Caixote* para *Teatrosamba do Caixote* reafirma e fortalece o rito da roda. Em primeiro lugar, no espaço cênico adaptável em solo de cimento queimado a circularidade pode ser plenamente criada. Além disso, a partir de um certo ponto, as arquibancadas introduzem-se na roda de artistas musicais e teatrais, borrando-se a já tênue fronteira entre palco e público. Se no Teatro Alfredo Mesquita o samba abria a semana cultural na quinta-feira, no *estação7* o *Teatrosamba do Caixote* fechará as atividades semanais, em horário nobre: domingos às seis da tarde, “na hora da Ave-Maria”, como dizia a atriz Claudia Pacheco, enfatizando o caráter teatral sagrado que o rito exige. Sagrado no sentido de fundar um recorte espaço-temporal no cotidiano: o sagrado separa (Agamben, 2007). De fato, a prática semanal engendrou a formação de um público nuclear fiel que, munido de cadernos produzidos especialmente a cada domingo, com as letras das principais canções, lia, escutava, dançava e cantava.

¹⁴ Frise-se que a vocalidade poética brasileira equilibra-se entre o dizer e o cantar, fato que se desenvolve plenamente no contexto do *Teatrosamba do Caixote*. Sara Lopes afirma de forma sucinta e precisa: *diz isso cantando!* (Lopes, 2007).

¹⁵ Os excertos sonoros inseridos ao longo do texto provêm de gravações especialmente feitas para o DVD *Caixotes no Caixote* (G7, 2006) e para o álbum *Roda das Vozes em Estado de Sítio* (Ausgang de Teatro, 2019).

Figura 2 - Exemplos de cadernos, com os quais o público participava das rodas.
 Concepção e diagramação: Zebba Dal Farra.



Já nos primeiros meses do *estação7*, o início da roda, deflagrado pelo *Bebadosamba* e o *Yaô*, ganhou um novo samba, configurando-se um tripé de abertura: a canção *Teatrosamba do Caixote*. Composta especialmente para esta função, sintetiza poeticamente o terreno de evolução da proposta.

Restos
 De um sentimento
 Que se assemelha
 A um batuque feito
 Nas costas de um violão

Sonhos
 De um samba antigo
 Cujo argumento
 Perdeu seu efeito
 Numa história de contradição

Dores
 De um amor sem rosto
 De uma saudade
 Que aceitou o gosto
 E o sabor
 Viveu de uma desilusão

Risos
De uma lembrança
Que estampa aflita
Outra esperança
E põe no peito aqui calado esse coração

Muitos
Cantando restos
Cantando sonhos
Cantando dores cantando risos
Nesse teatrosamba no ar.



Antonio Ginco e Zebba Dal Farra.
Teatrosamba do Caixote.¹⁶

No ato participativo, público e artistas¹⁷ tornam-se aprendizes de samba, de dizeres brasileiros encapsulados nas canções, de escutas e relações coletivas, pois

O Teatrosamba do Caixote se situa num ponto equidistante entre pedagogia e montagem: cada novo roteiro do Teatrosamba do Caixote propõe uma dimensão educativa, propiciando uma aprendizagem única de seus participantes, atores, cantores, músicos e espectadores. O fluxo da Música Brasileira contamina e irriga o Teatrosamba do Caixote: são leituras de partituras consagradas, como Rosa de Ouro e Arena Conta Zumbi, e também novos roteiros, concebidos semanalmente, no calor do samba. É lugar onde se cultivam as relações na roda, temperadas pelo samba, que, mesmo quando não é samba, é mote poético (G7, 2004, p. 47).

No *estação7*, há um incremento significativo no aspecto improvisacional da roda. Para além das surpresas provocadas pelo aparecimento inesperado de um samba, a florado da memória, desenvolve-se também um gesto improvisador na concepção cenográfica, nos elementos cênicos e nas indumentárias, entretecendo-se em sambas e panos. Respirava-se uma atmosfera magnética e criativa, propícia ao risco de travessias e transformações.

Há, portanto, uma expansão na utilização de arquivos para a construção de roteiros, atuação e encenação das rodas. Inicialmente, tratava-se de traçar

¹⁶ Arquivo sonoro. Acesso pelo código QR ou por este link. Elenco: v. nota 8.

¹⁷ No *estação7*, além dos artistas nucleares do G7, o elenco do *Teatrosamba do Caixote* contou com a presença constante de Rodrigo Campos, no cavaquinho, e Alexandre Ribeiro, no clarinete. Participaram intensamente de várias rodas Miró Parma e Fernando Jarrão, no pandeiro, JG Alves, no clarinete, Fábio Anastácio e Johnny, no surdo, e Alexandre Dal Farra, no cavaquinho.

itinerários percorridos em coleções e repertórios de canções, segundo eixos temáticos e em perspectiva cênica: cantar e dizer abriam-se ao entendimento, isto é, à criação de sentidos. A estes arquivos sonoros integram-se arquivos visuais: tecidos, redes, cordas, capas, calças, chapéus, objetos e figurinos, que irão constituir um novo acervo do grupo¹⁸.

Para que se tenha uma ideia das dinâmicas envolvidas no *Teatrosamba do Caixote*, apresenta-se em seguida um leque de rodas realizadas no *estação7*, nos anos de 2003 e 2004, com informações retiradas do *Arquivo de Releases* (G7, 2004a) e dos *Arquivos de Roteiros I e II* (G7, 2004b).

1. *Sambas para Iemanjá*. A *Lavagem da Ladeira* do *estação7* saúda a Mãe Negra do Brasil [02/02/2003 e 02/02/2004].

No clarear de uma manhã
eu tive um sonho tão bonito!
Sonhei que as águas de Yemanjá
me transportavam ao infinito!
De suas águas generosas...
As suas mãos me estendeu...
E na carícia das marolas...
A minha alma adormeceu...
Adormeceu, sob o amparo da mãe d'água!
Sentindo o amor que não se esgota...
Yemanjá...DOCE Yemanjá...
Sou pequenino grão de areia
na imensidão desse mar!
É a tua luz que me clareia
o caminho e o trabalho
que oxalá me concedeu!
E é por isso que, serena,
a minha alma adormeceu!
(G7, 2004b, l.19).

2. *1964*. Memórias da resistência a 64, caminhos e canções explodem em 1968. Textos de Gláuber Rocha, *Terra em transe* [30/03/2003 e 28/03/2004].

Paulo: E atenção, senhoras e senhores. Vejam como se faz um político... Em 1937 Porfírio Diaz recebia dinheiro alemão e fazia campanha pró-nazista. Em 1939, passou a receber dinheiro americano e fez campanha

¹⁸ O acervo de indumentárias e tecidos, bem como equipamentos de iluminação do G7, foram doados à *Próxima Companhia*, em 2020.

para levar o Brasil à guerra. Em 1945, entrou para o Partido Comunista e combateu os americanos. Em 1947, traiu o Partido e se aliou aos grupos de extrema direita, elegendo-se deputado. Pulou da Câmara para o Senado e depois conspirou para derrubar três presidentes. De fascista a revolucionário, da corrupção ao suborno e do suborno ao crime, sempre com o nome de Deus na boca, enganando o povo e seus próprios sócios na quadrilha que assalta o poder (G7, 2004b, l.1)

3. *Heróis da Liberdade*. O canto pergunta: é preciso de heróis? [20/04/2003].

Exemplo de difusão. Matéria no jornal *O Estado de São Paulo*. 04/05/2006.¹⁹



4. *Samba Poético*. A sabedoria de Vinícius de Moraes, em canções com seus parceiros e poemas, como *Poética I* [14/03/2004].

De manhã escureço
 De dia tardo
 De tarde anoiteço
 De noite ardo.
 A oeste a morte
 Contra quem vivo
 Do sul cativo
 O este é meu norte.
 Outros que contem
 Passo por passo:
 Eu morro ontem

¹⁹ A matéria se refere à circulação do *Teatrosamba do Caixote* por espaços da Capital, em 2006. Nos anos do *estação7*, a assessoria de imprensa foi da jornalista Lília Primi.

Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
– Meu tempo é quando.
(G7, 2004b, II.18)

5. *Rei Luiz do Baião*. Toda simplicidade sofisticada nas canções de Gonzagão [17/08/2003].

Meu nome é Luiz Gonzaga. Não sei se sou fraco ou forte, só sei que graças a Deus té pra nascê tive sorte, pois nasci em Pernambuco, famoso Leão do Norte. Nas terras do novo Exu da fazenda Caiçara, em novecentos e doze, viu o mundo minha cara. Dia de Santa Luzia, por isso é que sou Luiz. No mês qui Cristo nasceu, por isso é que sô feliz. Adianta querer saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima me disseram. Mas, de repente chegou neste sertão, viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha visto. Sabença aprendida não adiantou para nada... Serviu algum? (G7, 2004b, I.18).

6. Samba da Preguiça. No Dia do Trabalhador, o canto é pela preguiça, polo dialético necessário, mas quase sempre negligenciado [04/05/2003 e 02/05/2004].

Nos ventos do Primeiro de Maio, o Teatrosamba do Caixote do Grupo dos Sete navega na oposição entre preguiça e trabalho, inspirado nos clássicos “Elogio à Preguiça”, ensaio novecentista de Paul Lafargue, e do “Operário em Construção”, poema dialético de Vinícius de Moraes. Na defesa do ócio, Lafargue afirma que é suficiente comparar as condições físicas de um cavalo de passeio com o que lida no campo para se convencer dos malefícios do trabalho. Sobre essa luta, a história do samba nos guarda a deliciosa polêmica de Wilson Batista e Noel Rosa, malandro versus trabalhador. A dor do cotidiano da lida da construção e a esperança do trem que já vem. E tome Macunaíma: “Ai, que preguiça!!!!” (G7, 2004a, p. 25).

7. Samba Índio. Índios e a luta pela terra, mote recorrente desde o Descobrimento do Brasil. Chico Buarque: Assentamento [18/04/2004].

Quando eu morrer
cansado de guerra
morro de bem
com a minha terra:
cana, caqui
inhame, abóbora
onde só vento se semeava outrora
amplidão, nação, sertão sem fim
ó Manuel, Miguilim
vamos embora
(G7, 2004b, I.20)

8. Mães Negras do Samba. No Dia das Mães, o Teatrosamba do Caixote canta Mães Negras do Samba: Clementina, Dona Ivone, Elizeth e Elza Soares [11/05/2003 e 09/05/2004]

Cenas simultâneas: Favelário nacional (Drummond), Estação derradeira (Chico Buarque), A mãe do meu guri.

Quem sou eu para te cantar, favela,
que cantas em mim e para ninguém a noite inteira de sexta
e a noite inteira de sábado
e nos desconheces, como igualmente não te conhecemos? [...]

São Sebastião crivado
nublai minha visão
na noite da grande
fogueira desvairada
Quero ver a Mangueira
derradeira estação
quero ouvir sua batucada, ai, ai [...]

Olha aí, ai o meu guri, olha aí
olha aí, é o meu guri
(G7, 2004b, II.2).

9. Custódio Mesquita, prazer em conhecê-lo. Saudações a um sambista do piano, parceiro de Mário Lago e Sadi Cabral [07/03/2004].

O espaço é de um estúdio radiofônico.

Locutor (ao som de badaladas): Ao soar o carrilhão dando as doze badaladas, ao se encontrarem os ponteiros na metade do dia, também os ouvintes da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, no programa Gente que brilha, se encontram com Francisco Alves, o rei da voz!

Na carícia de um beijo
Que ficou no desejo
Boa noite, meu grande amor!
[...]
Nada além
Nada além de uma ilusão
Chega bem
É demais para o meu coração.
(G7, 2004b, I.14).

10. Ismael Silva. Elegância e precisão do sambista carioca [30/05/2004].

Na mesa do Café Nice, conversam Ismael e Nílton Bastos.

Ismael. O Nílton, eu fui garoto num bairro, num dos três bairros em que me criei, no Rio Comprido. Estácio e Catumbi, três bairros da mesma

jurisdição que eu me criei, pois bem, e porque eu cheguei aqui, aos três anos de idade; porque eu vim de Jurujuba, Niterói, fui para o bairro do Estácio de Sá, então de lá, não demorou muito a minha família mudou-se para o bairro de Catumbi, depois para o bairro de Rio Comprido e terminou no Estácio, voltando ao Estácio.

Evaldo Rui. Parece que ainda estou vendo, sentados naquela mesa que ficava bem defronte à rua do Estácio, o Ismael Silva, no seu irrepreensível terno azul-marinho, com a sua camisa de seda lavável imaculadamente branca e aquela gravata de tricô preto... Ao seu lado está o Nilton Bastos, uma das figuras maiores do Café... Ele usa chapéu de feltro marrom, combinando com seu terno também marrom e sapatos da mesma cor... O que estarão dizendo neste justo momento? Talvez, naquele instante, eles estivessem dando os últimos retoques no Se você jurar... Talvez estivessem arranjando uma rima melhor para a palavra saudade... E eu ali firme, procurando disfarçar a minha curiosidade, aguardando o momento em que os dedos ágeis e cheios de ritmo dos dois mestres começassem a tamborilar sobre o mármore da mesa (G7, 2004b, II.1).

11. Melodias do Melodia. Felinos sambas e baladas negras [23/05/2004].

Sou peroba, sou a febre, quem sou eu?
Sou o morto que viveu
Corpo humano que venceu

Ninguém morreu
Ninguém morreu
Ninguém morreu
(G7, 2004b, II.3)

12. Samba Negro. Vozes de resistência no ar [21/11/2004].

Novembro é Negro no Teatrosamba do Caixote, celebrando Zumbi, os quilombos e a resistência dos escravos, no século XVI. O cartaz deste domingo é o Samba Negro, em que se apresentam canções de Luis Melodia, Gilberto Gil, Dorival Caymmi, João Bosco e Aldir Blanc, Jorge Mautner e Zebba Dal Farra. Completam o programa trechos do Arena conta Zumbi, de Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo, grande sucesso do Arena, estreado em 1965. Metáfora da ditadura militar, a montagem propunha uma reflexão sobre este momento histórico, apoiado em elementos do teatro épico (G7, 2004a, p. 17).

Figura 4 - *Samba Negro*. Abertura da roda. Foto: Elaine Pontes.



13. *Samba Antropófago*. 50 anos da morte de Oswald de Andrade [24/10/2004].

Há 50 anos, morria em São Paulo o grande escritor e artista Oswald de Andrade, modernista exemplar da Semana de 22. Celebrando a data, o Teatrosamba do Caixote oferece um banquete de canções, sambas e textos de visões antropófagas do Ser Brasileiro. Tropicália, Geleia Geral e Os Últimos Dias de Paupéria, Caetano, Gil e Torquato Neto, regados com molhos oswaldianos e uma intromissão bananérica, antropófago da primeira hora do Modernismo brasileiro (G7, 2004a, p. 13).

Figura 5 - *Samba Antropófago*. Em cena: Adelaide Pontes, Alexandre Ribeiro, Claudia Pacheco, Divino Silva, Rodrigo Campos e Miró Parma.



14. *Zé Kéti*. A fala inicial da roda situa o lugar do show *Opinião*, primeira resposta artística ao golpe de 1964, primeira aparição de Zé Kéti, “autor de sambas e marchas inesquecíveis, como *A Voz do Morro*, que Elis canta como nunca na gravação do *Dois na Bossa (Eu sou o samba, a voz do morro sou eu mesmo sim senhor)*, e *Máscara Negra*, gravação antológica de Dalva de Oliveira. Neste 14 de novembro [de 2004, dia da roda], faz exatamente cinco anos da morte de Zé Kéti” (G7, 2004a, p. 15).

Quando aconteceu o golpe militar, em março de 1964, Augusto Boal e o Teatro de Arena foram postos sob suspeita. Na época, não havia integração nacional das polícias. Que fez Boal? Migrou para o Rio de Janeiro. Lá, estreou no dia 11 de dezembro de 1964, o *Opinião*, show escrito por Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes. Com Nara Leão, João do Vale e Zé Kéti. Em janeiro de 1965, Suzana de Moraes substituiu Nara Leão. Em fevereiro, Maria Bethânia substituiu Suzana de Moraes. Nara Leão, moça da classe média carioca, João do Vale, um músico nordestino no sul, Zé Kéti, negro, andarilho e observador dos morros do Rio, Vianinha e Paulo Pontes, criadores e continuadores de uma dramaturgia brasileira, Augusto Boal, encenador comprometido com as dimensões políticas do teatro. Juntos neste momento crítico da nossa história, eles defendem que a música popular é tanto mais expressiva quando tem uma opinião, quando se alia ao povo na captação de novos sentimentos e valores necessários para a evolução social, quando mantém vivas as tradições de unidade e integração nacionais. A música popular não pode ver o público como simples consumidor de música, ele é fonte e razão de música (G7, 2004b, II.19).

Integrada à roda, o grupo promoveu naquela noite uma atividade reflexiva sobre o samba de São Paulo com a pesquisadora Maria Aparecida Urbano, enfatizando-se a proposta do projeto de imbricar teoria, prática e o prazer de cantar.

15. *Sambas do Ary*. Ary Barroso e o samba exaltação [07/09/2003].

Quando aconteceu o golpe militar, em março de 1964, Augusto Boal e o Teatro de Arena foram postos sob suspeita. Na época, não havia integração nacional das polícias. Que fez Boal? Migrou para o Rio de Janeiro. Lá, estreou no dia 11 de dezembro de 1964, o *Opinião*, show escrito por Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes. Com Nara Leão, João do Vale e Zé Kéti. Em janeiro de 1965, Suzana de Moraes substituiu Nara Leão. Em fevereiro, Maria Bethânia substituiu Suzana de Moraes. Nara Leão, moça da classe média carioca, João do Vale, um músico nordestino no sul, Zé Kéti, negro, andarilho e observador dos morros do Rio, Vianinha e Paulo Pontes, criadores e continuadores de uma dramaturgia brasileira, Augusto Boal, encenador comprometido com as dimensões políticas do teatro. Juntos neste momento crítico da nossa

história, eles defendem que a música popular é tanto mais expressiva quando tem uma opinião, quando se alia ao povo na captação de novos sentimentos e valores necessários para a evolução social, quando mantém vivas as tradições de unidade e integração nacionais. A música popular não pode ver o público como simples consumidor de música, ele é fonte e razão de música (G7, 2004b, II.19).

Figuras 6 e 7 - *Sambas do Ary*. Ensaio e encenação. Fotos: Davilym Dourado.



16. *Cartola*. Música refinada e dócil do parceiro de Noel e tantos outros, entremeada de sua misteriosa biografia, que se mescla à História do Samba [21/09/2003 e 25/07/2004].

Depois de várias tipografias, Agenor virou pedreiro.

Nessa época, Agenor se fez Cartola.

Pra não deixar cimento me sujar a cabeça, usava sempre um chapéu, que chamava de cartola. Era 1925. Conheci Carlos Cachça, meu grande parceiro. Fundamos o bloco dos arengueiros. O bloco cresce, se amplia, se funde, e no ritmo do samba se transforma na Estação Primeira de Mangueira. A segunda escola de samba carioca. 28 de abril de 1928.

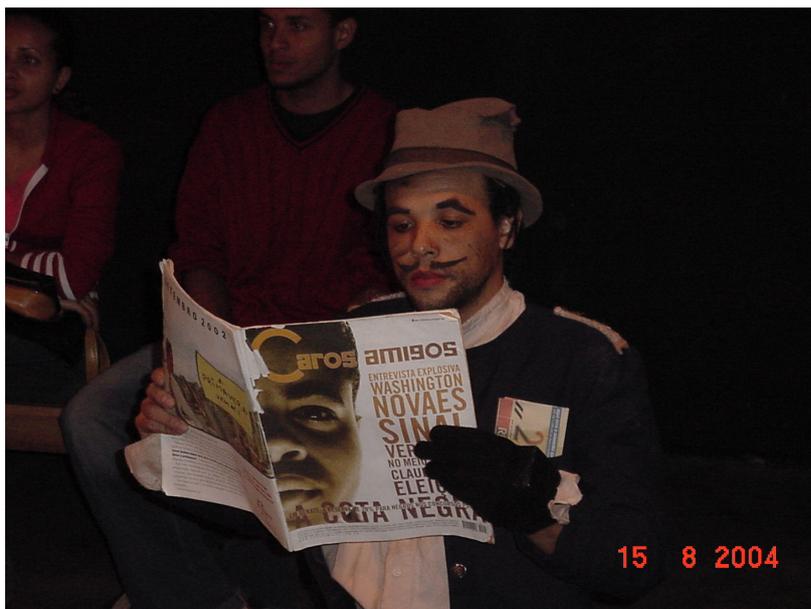
Cartola escolheu o nome. Cartola escolheu as cores. Verde e rosa. O primeiro enredo: chega de demanda. Adivinha de quem? (G7, 2004b, l.9).

17. *Samba de Brecht*. Canções de Brecht e sambas de breque: cultivo do estranhamento [09/11/2003 e 15/08/2004].



Bertolt Brecht e Zebba Dal Farra.
*Oh Falladah.*²⁰

Figura 8 - *Samba de Brecht*. *Divino Silva*. Foto: Adelaide Pontes.



²⁰ Arquivo sonoro. Acesso pelo código QR ou por este link. Elenco: Zebba Dal Farra (voz, violão e cavaquinho), Claudia Pacheco, Cacá Dal Farra e Luan Iaconis (coro), Maurício Maas e Felipe Soares (acordeon), Breno Barros (contrabaixo) e Pedro Teixeira (percussão).

18. *Samba Che*. Ressonâncias do Comandante nas frestas das canções [05/10/2003].

El nombre del hombre muerto ya no se puede decirlo, quién sabe?
Antes que o dia arrebente, antes que o dia arrebente
El nombre del hombre muerto antes que a definitiva noite se espalhe em
latinoamérica
El nombre del hombre es pueblo, el nombre del hombre es pueblo
Soy loco por ti, América, soy loco por ti de amores
(G7, 2004b, l.11).

19. *Holandas do Brasil*. As vozes geniais de Sérgio e Chico: *Raízes do Brasil e Paratodos* fazem a abertura da roda [05/09/2004].

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos até hoje uns desterrados em nossa terra.

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antonio Brasileiro
(G7, 2004b, l.12)

20. *Samba das Crianças*. Brincadeiras e canções infantis [10/10/2004].

No domingo, dia 10 de outubro, o samba é com as crianças no Teatrosamba do Caixote. O rio de murmúrios da memória se projeta para a infância, e nesse caminho se encontram Pinóquio e Alice, Branca de Neve e a Arca de Noé, o corvo, a raposa, a galinha, o jumento, o cão, e tantos outros! A jornada se inicia em Cosme e Damião e vai até a Cidade Ideal dos Saltimbancos. Todos estão convidados à fantasia e à brincadeira (G7, 2004a, p. 7).

Figura 9 - *Samba das Crianças*. Foto: Adelaide Pontes.

21. *Cyro Monteiro e Dilermando Pinheiro*. O samba refinado de uma dupla cheia de humor [13/06/2003 e 17/10/2004].

No domingo, dia 17 de outubro, é dia de Cyro Monteiro e Dilermando Pinheiro no Teatrosamba do Caixote. A dupla protagonizou um espetáculo antológico, nos anos 70, que o Teatrosamba do Caixote revisita e revigora. São sambas da mais fina estirpe do samba carioca, composições de Baden e Vinícius (“Amei Tanto”) e Lupicínio Rodrigues (“Se acaso você chegasse”). Tudo temperado por um molho muito bem refogado, com muito humor (G7, 2004a, p. 9).

Figura 10 - Cyro e Dilermando. Em destaque: Zebba Dal Farra, Divino Silva e Adelaide Pontes. Foto: Elaine Pontes.



22. *Raul e os Seis Xás*²¹. "Eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando, e foi justamente num sonho que ele me falou" [03/08/2003].

Sem ter composto um único samba, Raul Seixas tornou-se um dos maiores nomes da MPB, com uma multidão de fãs que parece aumentar 14 anos após sua morte, ocorrida em agosto de 1989. Numa mistura que engloba baiões, blues, rocks, ie-ie-iês, músicas sertanejas, músicas bregas, o maluco beleza fez uma inesquecível coleção de vinhetas libertárias. O Teatrosamba do Caixote deste domingo, dia 3 de agosto, às 18 horas, traz no roteiro músicas menos conhecidas como Nóia 2, Judas, Ângela, Baby, Contra Mão, além dos grandes clássicos Gita, Ouro de Tolo, S.O.S., Cowboy Fora da Lei, Biritiba, Mamãe Eu Não Queria, entre tantos. E ainda a recente Rock'n Raul, na qual Caetano Veloso manifesta sua dor de cotovelo contra Raul (G7, 2004a, p. 2).

23. *Caixote F. C. Bola rolando no estação7* [03/10/2004].

O Teatrosamba do Caixote do dia 3 de outubro é só samba e futebol: Caixote F.C. No ar, um gol de Vavá na Copa da Suécia, falas de Pelé e histórias do futebol. A bola rola solta no campo do samba. Tome Lamartine Babo e os hinos imortais dos times do Rio, entre os quais o

²¹ Roteiro de João Batista César.

mais lindo é o do seu time do coração, o América. Na meia cancha, surge o genial flamenguista Wilson Batista: Flamengo joga amanhã eu vou pra lá, vai ser um baile no Maracanã! E na meia-esquerda, Jorge Ben responde: Fio Maravilha, nós gostamos de você! E tome Chico Buarque, João Bosco, Aldir Blanc e Paulinho da Viola. Vai ser uma festa de dribles e gols (G7, 2004a, p. 3).

Figura 11 - Caixote FC. Atrás: Rodrigo Campos, JG Alves, Dalva Rosa, Zebba Dal Farra, Miró Parma, Johnny e Adelaide Pontes, como juiz. Em frente: Carlos Bueno, Divino Silva, Wilson Justino e Claudia Pacheco. Foto: Elaine Pontes.



24. *Flávio Império dos Mangarás*. Desdobramentos musicais e leituras teatrais na obra do grande artista. Na História do Teatro Brasileiro dos anos 70, no auge da ditadura civil-militar-empresarial, Fauzi Arap concebeu e dirigiu com Flávio Império um dos espetáculos emblemáticos do período: *Rosa dos Ventos*, protagonizado por Maria Bethânia. Eis um trecho da roda, em que se diz um poema de Fernando Pessoa, que ressoa nosso próprio aprendizado com esta dupla refinada de artistas [12/10/2004].¹². *Samba Negro*. Vozes de resistência no ar [21/11/2004].

A mim ensinou-me tudo.
 Ensinou-me a olhar para as cousas.
 Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
 Mostra-me como as pedras são engraçadas
 Quando a gente as tem na mão
 E olha devagar para elas (G7, 2004b., l.16)

25. *Roteiro Brasileiro*. Criado na Oficina de Teatro para Professores [05/12/2004].

Neste domingo, dia 5 de dezembro, o Teatrosamba do Caixote apresenta um exemplo de integração entre pedagogia e montagem, na programação desenvolvida pelo G7 na estação7: a Oficina de Teatro para Professores desenvolveu o roteiro, uma possibilidade de criação a partir das memórias pessoais e suas relações com a rede histórica. Roteiro Brasileiro, resultado deste processo, confirma o potencial da Música Brasileira como mote de uma reflexão ética, poética e política, no ritmo do samba (G7, 2004a, p. 21).

26. *Samba Verde*. “Uma semente atirada num solo tão fértil não deve morrer, é sempre uma nova esperança que a gente alimenta de sobreviver”, reza Paulinho da Viola na canção *Amor à Natureza* (G7, 2004b, II.17). A roda convida a descobrir a natureza ao redor, em saudação à “estação dos vegetais” [26/09/2004].

Ó Primavera adorada, inspiradora de amores! Ó Primavera idolatrada, sublime estação das flores! Este refrão do belíssimo samba *Cântico à Natureza*, de Jamelão e Néelson Mattos abre a saudação do Teatrosamba do Caixote deste domingo, dia 26 de setembro, à primavera que se inicia. Sob a proteção de Oxóssi, o roteiro traz *Amor à natureza*, de Paulinho da Viola, *Samba dos animais*, de Jorge Mautner, e, claro, *Primavera*, de Tim Maia. É o *Samba Verde* que se apresenta, evocando os melhores fluídos no contraponto da metrópole paulistana (G7, 2004a, p. 6).



Néelson Mattos e Jamelão. Cântico à

*Natureza.*²²

27. *Nélsos*. Rodrigues, Gonçalves e Cavaquinho [02/11/2003].

As tangências e interseções dos universos de três Nélsos – Cavaquinho, Gonçalves e Rodrigues – se cruzam no Teatrosamba do Caixote deste domingo, 31 de outubro, às 18 horas. No roteiro, a coragem poética de questionar o tempo e a morte, dimensões trágicas da existência humana, num prisma de samba e humor. O repertório contém clássicos como *Juízo Final* e *Pranto de Poeta*, da dupla Néelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, *Caminheiros*, de Herivelto Martins, *Fica comigo esta noite*, de Néelson Gonçalves e Adelino Moreira e trechos de *A Falecida*, de Néelson Rodrigues. Nélsos traz a presença especial do iluminador teatral Nezinho Reis, que além de falar e realizar experimentos de luz durante a roda,

²² Arquivo sonoro. Acesso pelo código QR ou por este link. Elenco: v. nota 8.

estará autografando seu livro *Trajectoria de Azambuja Calado* (G7, 2004a, p. 11).

Figura 12 - Nélsons. Nezito Reis ilumina a roda. Em cena: Divino Silva e Adelaide Pontes. Foto: Elaine Pontes.



28. *Pixinguinha*. Ele está no princípio, no meio e no fim [19/09/2004].

Neste domingo, dia 19 de setembro, o Teatrosamba do Caixote apresenta choros e canções de Alfredo da Rocha Viana Filho, o grande compositor, maestro e arranjador Pixinguinha. Pixinguinha, mestre evocado todos os domingos, no Teatrosamba do Caixote, é autor de dezenas de choros memoráveis, como 1X0 e o genial Ingênuo, e canções do coração do Brasil, como Carinhoso e Rosa. Frequentador assíduo da Casa da Tia Ciata, reduto do nascimento do samba, no Rio de Janeiro do início do século XX, Pixinguinha participa da fusão do terreiro, do choro e da gafieira, mistura primordial do samba urbano (G7, 2004a, p. 5).

29. *Paulinho da Viola*. Na centésima roda, o Mestre do Verso e do Samba [28/11/2004].

O domingo, dia 28 de novembro, é dia de festa do estação7!!!! O Teatrosamba do Caixote comemora sua centésima edição, com um roteiro dedicado a Paulinho da Viola, mestre de todas as rodas, com seu Bebadosamba!!!! Desde sua criação, em 2001, na primeira edição do Projeto Cidade Dentro Cidade Fora, o Caixote é uma roda de samba que incorpora elementos do teatro: rito, desfiar da memória, improvisação e representação. Desde o seu batizado, o Teatrosamba do Caixote começa e termina sempre com Bebadosamba, de Paulinho da Viola, e Yaô, de Pixinguinha e Gastão Vianna, canções que abrem a roda e o rio de murmúrios da memória de meus olhos, que quando aflora serve antes de tudo para aliviar o peso das palavras, que ninguém é de pedra. Nestes três anos, foram mais de quarenta roteiros diferentes: desde leituras de musicais brasileiros, como Rosa de Ouro, Arena Conta Zumbi, Noel Rosa, Cyro e Dilermando e Nas Quebradas do Mundaréu, até novas criações, como Caixote FC, 1964, Vinícius e Custódio Mesquita – Prazer em conhecê-lo. Foram cem tardes de domingo, em que um público de crianças, adolescentes, adultos e idosos viveram momentos de prazer e aprendizado, guiados pelo finíssimo fio da memória popular brasileira (G7, 2004a, p. 19).

30. *Clara*. No dia 21 de novembro de 2004, um domingo de *Teatrosamba do Caixote*, no *estação7*, a atriz, professora e diretora teatral Myrian Muniz proferiu sua última fala pública. Era o fim da noite do sábado 18 de dezembro, cerca de um mês depois, quando o sopro sagrado e profano da Mestra desvaneceu. No domingo, tambores bateram e vozes cantaram para ela, no *Teatrosamba do Caixote*, numa noite dedicada a Clara Nunes. A música dá vida quando a vida falta [19/12/2004].

lansã cadê Ogum?
Foi pro mar
Mas lansã, cadê Ogum?
Foi pro mar
[...]
Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
(G7, 2004b, l.21).

Figura 13 - Clara. Claudia Pacheco, Ricardo, Fábio Anastácio e Johnny. Foto: Elaine Pontes.



Zebba Dal Farra. Santos Dumont. *Fechamento da roda*.²³

Coda. O Caixote Mnemônico do Teatrosamba

Como se viu, a linguagem do *Teatrosamba* conjugada à memória, desenvolvida pelo *G7* em mais de uma centena de rodas, tem em sua concepção o caixote como elemento constituinte. Objeto cênico, tablado individual de integrantes da roda, que em círculo formam a arena do espetáculo. Impregnado de memórias, o caixote em seu complexo papel de fronteira entre cena e público, além de banqueta para músicos e atores, é também recipiente das vivências e processos do teatrosamba, uma caixa mnemônica.

Caixa mnemônica é um conceito usado por Aleida Assmann, em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, para se referir aos lugares de conservação de documentos importantes, no caso, um espaço portátil

²³ Arquivo sonoro. Acesso pelo código QR ou por este link. Elenco: v. nota 8.

de memórias, uma arca por exemplo, muito usada na antiguidade para seletos documentos (Assmann, 2011).

No contexto atual, caixas e caixotes são, na maioria das vezes, o depósito de documentações artísticas de companhias teatrais: lugares de armazenamento de uma seleção natural de registros de processos e procedimentos cênicos de variada tipologia, deambulando entre as sedes dos grupos e as casas de seus integrantes.

O *Teatrosamba do Caixote* carrega um seletivo número de relatórios, roteiros, releases, peças, plaquetes, fotos, vídeos, entre outros itens documentais que compõem a memória desta atividade experimental do G7, entre 2001 e 2004, graças aos editais públicos de fomento ao teatro, únicos capazes de subsidiar a experimentação.

Contudo, é preciso haver também financiamento público destinado a garantir melhor e maior preservação da memória cultural, por meio de editais e de criação de centros de referências do teatro contemporâneo brasileiro, com infraestrutura adequada e capacidade para armazenar conjuntos documentais de inúmeras companhias teatrais que expressam o momento histórico atual.

Figura 14 - No centro da roda do Teatrosamba do Caixote, Claudia Pacheco.
Foto: Davilym Dourado.





Referências

AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In: *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação*: formas e transformações da memória cultural. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

AUSGANG DE TEATRO. *Roda das Vozes em Estado de Sítio*. Gravado em 2019, no estúdio da SP Escola de Teatro. Disponível em: <https://tratore.ffm.to/rodasdasvozes> Acesso em: 25/07/2025.

G7. *Projeto Cidade Dentro Cidade Fora. Relatório Final*. Arquivo do Grupo, 2002. Cópia digitalizada.

G7. *Cidade Dentro Cidade Fora no estação7. Novo Espaço Cultural na Zona Norte. Projeto II*. Arquivo do Grupo, 2003. Cópia digitalizada.

G7. *Cidade Dentro Cidade Fora no estação7. Novo Espaço Cultural na Zona Norte. Relatório Final*. Arquivo do Grupo, 2004. Cópia digitalizada.

G7. *Arquivo de Releases*. Acervo do Grupo, 2004a. Cópia digitalizada.

G7. *Arquivos de Roteiros I e II*. Acervo do Grupo, 2004b. Cópias digitalizadas.

G7. *Caixotes no Caixote*. DVD. Financiamento: Prêmio Funarte Myrian Muniz. São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, 2006.

HESÍODO. *Teogonia. A Origem dos Deuses*. Estudo introdutório e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

LOPES, Sara. Do canto popular e da fala poética. *Sala Preta*, São Paulo, v. 7, p. 19-24, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/salapreta/article/view/57314>. Acesso em: 07/06/2025.

MARCOS, Plínio. *Nas quebradas do mundaréu*. Lp. São Paulo: Chantecler, 1974.

PITTOZZI, Enrico. *Acusma. Figura e voce nel teatro sonoro di Ermanna Montanari*. Macerata: Quodlibet, 2017.

Recebido em: 10/06/2025

Aprovado em: 16/07/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br